



Artigo
Article

**EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE CRIANÇAS INDÍGENAS WARAO
MIGRANTES E REFUGIADAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO
EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE BOA VISTA RORAIMA**

*SCHOOL EXPERIENCES OF MIGRANT AND REFUGEE WARAO INDIGENOUS CHILDREN: AN
ANTHROPOLOGICAL STUDY IN MUNICIPAL SCHOOLS IN BOA VISTA, RORAIMA*

Raniere de Oliveira Carvalho¹

RESUMO: A cidade de Boa Vista - RR vivencia desde 2014 um intenso ciclo migratório humano oriundo da Venezuela. Este fenômeno tem como fator principal uma crise política e econômica deste País. O deslocamento populacional tem submetido também grupos indígenas venezuelanos, que durante o processo acabam inseridos numa situação de extrema vulnerabilidade em solo brasileiro. As escolas do estado de Roraima e município de Boa Vista refletem este contingente migratório com o aumento das matrículas destes grupos. No entanto, não existem dados concretos que representem a inserção destes alunos nas escolas do município. Assim, grupos de indígenas venezuelanos, como os Warao, continuam adentrando o espaço escolar de Boa Vista. O povo Warao, foco principal deste artigo, é oriundo do estado Delta Amacuro, município de Tucupita, Venezuela. Esta pesquisa buscou compreender as experiências escolares de três alunos Warao, migrantes e refugiados inseridos em duas escolas municipais, numa perspectiva de analisar suas experiências a partir deste contexto diaspórico. Estas crianças Warao são moradoras de uma Comunidade Warao independente denominada "YAKERA INE", e fica situada no bairro do Pintolândia, região periférica de Boa Vista. Os métodos utilizados foram etnográficos, além da proposta de uma antropologia propositiva. Durante a pesquisa, observei que através da perspectiva da interculturalidade poderia amenizar o distanciamento do processo escolar e o aluno indígena Warao.
Palavras-chave: Povos indígenas, Warao, Escola, Educação, Experiências.

¹Servidor Municipal. Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGANTS/INAN/UFRR. Pesquisador do povo indígena venezuelano da etnia Warao. E-Mail: ranierec71@gmail.com.

ABSTRACT: The city of Boa Vista - RR has been experiencing since 2014 an intense human migratory cycle from Venezuela. This phenomenon has as its main factor a political and economic crisis in this country. Population displacement has also subjected venezuelan indigenous groups, which during the process end up in a situation of extreme vulnerability on brazilian soil. Schools in the state of Roraima and the municipality of Boa Vista reflect this migratory contingent with the increase in enrollment of these groups. However, there are no concrete data that represent the insertion of these students in the municipality's schools. Thus, groups of venezuelan indigenous people, such as the Warao, continue to enter the school space of Boa Vista. The Warao people, the main focus of this article, come from the state of Delta Amacuro, municipality of Tucupita, Venezuela. This research sought to understand the school experiences of three Warao students, migrants and refugees inserted in two municipal schools. From the perspective of analyzing their experiences from this diasporic context. These Warao children are residents of an independent Warao Community called "YAKERA INE", and it is located in the neighborhood of Pintolândia, in the peripheral region of Boa Vista. The methods used were ethnographic, in addition to the proposal of a propositional anthropology. During the research, I observed that through the perspective of interculturality it could soften the distance between the school process and the Warao indigenous student. **Keywords:** Indigenous peoples, Warao, School, Education, Experiences.

A VIAGEM DOS INDÍGENAS WARAO ATÉ A CIDADE DE PACARAIMA E BOA VISTA - RR

O deslocamento migratório Warao para dentro do estado de Roraima demonstrou um certo embaraço na legislação brasileira, principalmente no que se refere à definição jurídica voltada aos povos indígenas imigrantes. De fato, ocorreram algumas variações na sua classificação enquanto sujeitos. Inicialmente, eles foram tratados como imigrantes, depois refugiados e indígenas e, por fim, populações indígenas imigrantes refugiadas venezuelanas. A esse respeito, Rosa afirma que “no Brasil, os Warao são sujeitos de direito como indígenas e, a depender do *status* legal acionado, como refugiados e como migrantes” (ROSA, 2021, p. 9). Dessa forma, conforme a afirmação da autora, existe uma grande complexidade que envolve a forma de acolhimento dos Warao, assim como os direitos relacionados à sua condição étnica, a valorização dos seus costumes e suas tradições. O que se vê é um certo despreparo do estado brasileiro no acolhimento deste grupo, tendo em vista a sua organização social diferenciada e não observância daquilo que é fundamental aos Warao, autonomia e autodeterminação. Assim, o estado brasileiro deve minimamente proporcionar uma educação multilíngue voltada para suas especificidades culturais.

Rosa (2021) vai afirmar ainda que, estes povos possuem concepção de infância, ritos funerários e luto diferenciado. Portanto, o poder público necessita construir políticas de atendimento a estas diferenças culturais, principalmente referente à educação escolar. Esses direitos são assegurados aos indígenas Warao da mesma forma que aos demais indígenas Brasileiros. A esse respeito, é oportuno a observação do antropólogo Cirino (2020), que afirma o fato dos Warao não terem tradicionalmente uma terra ocupada em solo Brasileiro. No entanto, isso não impede o exercício dos demais direitos, haja vista o que reza o artigo 231 da Constituição Federal, em não os condicionar a um *locus* físico.

Foi a partir desta abordagem que iniciei as minhas reflexões sobre a proposta desta pesquisa, visando compreender como a criança indígena Warao moradora da

comunidade² “YAKERA INE”, que quer dizer “estou bem” na língua Warao, experimentam o processo escolar no município de Boa Vista. Assim, pretendo interagir com crianças indígenas Warao imigrantes refugiadas nas suas comunidades e suas escolas. Essa interação segue próxima a metodologia de trabalho da antropóloga Hartmann (2018, p. 86) denominada de “antropologia-propositiva”, que segundo ela “está pautada em uma atitude – acredito estética, ética e política – que prevê, por um lado, a coautoria das crianças na pesquisa, e por outro, a intervenção direta da pesquisadora no sentido de propor atividades lúdicas, questionamentos [...]”.

As crianças são as que mais sofrem com consequências físicas e psicológicas construídas durante todo esse processo. É possível vislumbrar esse sofrimento, inevitavelmente, no olhar de uma criança indígena Warao. A despeito de meu estudo se concentrar apenas em Roraima, em alguns momentos pactuo o conceito de diáspora, para descrever o movimento dos indígenas Warao da Venezuela para o Brasil, embasado na pesquisa de Santos (2019, p. 30) que toma Hall e Clifford para compreensão desse processo.

Assim, tomamos emprestada a noção de diáspora de Hall e Clifford, como já nos referimos, pois entendemos que se aplica melhor ao caso dos Warao. Entendendo a diáspora de uma forma mais simples, ou seja, o espalhamento de um povo que se desloca do seu lugar de origem para outras localidades em busca de realizações que não atingiram.

Tanto Hall quanto Clifford contribuíram muito para o conceito de diáspora. Cada um trazendo perspectivas exclusivas e complementares sobre esse fenômeno. Hall abordou o fenômeno a partir dos seus estudos com povos africanos, especialmente na chamada diáspora Africana do Atlântico. Hall explorou como as pessoas, em processo de diáspora, construíam e negociavam suas identidades inseridas no contexto mais individual de deslocamento e marginalização desses indivíduos. Já Clifford abordou o fenômeno a partir de uma perspectiva antropológica. Uma forma mais ampla, ele estava mais interessado nas adaptações culturais, e na preservação da cultura de grupos dispersos geograficamente. Dessa forma, avalio que este conceito possibilita vislumbrar o processo que este povo vivencia, analisando sua história e sua cultura, bem como suas características étnicas como povo indígena.

Durante toda a pesquisa de campo, realizei atividades específicas dentro e fora do espaço escolar com as crianças alvo da pesquisa, como: café da manhã, piqueniques e atividades de passeio onde elas conheceram alguns balneários da cidade de Boa Vista. Essas ações me proporcionaram uma relação de confiança e parceria. Elas compartilharam algumas histórias e pude observar, a partir das sua ótica, como elas vivenciam esse processo diaspórico. Segue relato de uma criança indígena Warao migrante refugiada de oito anos de idade: “tio eu chorava muito a noite, tinha medo, tinha fome também, o sol estava sempre muito quente. Muito calor”; “tio, a gente dormia em lugares estranhos, de noite eu ouvia os mosquitos no meu ouvido, era mordido a noite

²A comunidade indígena Warao “YAKERA INE” foi criada a partir da desarticulação de um antigo abrigo institucional, “Centro de Referência ao Migrante-CRI”, que tinha sido situado em um ginásio poliesportivo desativado. Quando da remoção dos Warao para outro abrigo. Grupos de Warao resistiram a essa transferência e permaneceram no local, criando a atual comunidade e passando a gerir o local de maneira independente e sem qualquer apoio de instituições governamentais.

inteira”. Esses momentos de escuta, ouvindo histórias contadas pelas crianças se referindo ao deslocamento vivido da Venezuela até o Brasil, foram muito comoventes.

IDENTIDADE E RESILIÊNCIA

Durante algumas intervenções na comunidade, fiquei observando a complexidade na conexão destas crianças com a sua identidade cultural. Pois, quando eu perguntava quem vocês são, elas respondiam: sou indígena Warao. No entanto, na escola, quando eu fazia a mesma pergunta, elas não queriam me responder. Assim, é importante considerar como essas crianças se sentem em relação a sua identidade cultural durante esse processo. Elas podem enfrentar desafios ao se adaptarem a um ambiente escolar que pode ser culturalmente diferente do que estão acostumadas em suas comunidades indígenas. Pode haver um sentimento de perda ou desconexão inicialmente, mas também uma oportunidade de reafirmar e celebrar sua herança cultural de maneira nova e diferente.

A partir da minha vivência com as crianças Warao nas suas respectivas escolas: Carmem Eugenia Macaggi e Branca de Neve, pude compreender outro desafio, a diferença linguística. A língua é uma parte central da identidade cultural Warao. Nas escolas citadas, o português brasileiro é a língua predominante, impondo a esses alunos barreiras significativas. Pois, aprender um novo idioma é desafiador e impacta principalmente na autoconfiança e participação na sala de aula. E como elas lidam com esse desafio? E como isso influencia na sua visão de si mesma e do mundo ao seu redor? Essa percepção é crucial na manutenção ou construção dessa nova identidade.

Assim, trago uma análise para descrever a identidade que é um fator que influencia esses alunos Warao na sua experiência escolar. A construção de uma identidade cultural híbrida, segundo Hall (1992), construída e negociada em contextos sociais e culturais complexos, especialmente em faces com a globalização, migração e mudanças sociais. Ele argumenta que a identidade não é algo fixo ou essencial, mas sim fluido e em constante transformação, moldado por uma variedade de fatores sociais, históricos e políticos. Assim, ao passar por esta experiência de transição cultural, estes três alunos estão desenvolvendo uma identidade cultural híbrida. Hall (2003) vai explicar que pessoas que vivem em diáspora muitas vezes experimentam uma multiplicidade de influências culturais e identidades sobrepostas, resultando na formação de identidades híbridas. Hall argumenta ainda que essas identidades híbridas são moldadas por uma série de fatores, incluindo história, cultura, linguagem e experiências de deslocamento.

Ao abordar questões de pertencimento e identidade cultural, Hall vai destacar a fluidez das identidades híbridas, desafiando noções simplistas de identidade fixa ou essencial. Assim, esta obra é fundamental para entender como as identidades são construídas e negociadas em contexto de diáspora e migração, e como estas identidades desafiam ideias tradicionais de identidade nacional ou étnica.

Assim, avalio que quando essas crianças respondem que são indígenas Warao com total segurança no seio das suas comunidades, e na escola bate uma insegurança e não me respondem quem são, claramente é o fator citado por Hall, compreendido por identidades híbridas ocorrendo. No entanto, mesmo com todos esses desafios, as crianças Warao que acompanhei, expuseram uma resiliência e força incrível. Elas estão se adaptando a circunstâncias muito difíceis, mostrando uma incrível capacidade de perseverança e determinação. Suas experiências escolares estão moldando não somente sua cosmovisão, mas também sua capacidade de enfrentar adversidades e encontrar maneiras criativas de

se afirmar em um mundo em constante mudança, além de encontrar a reafirmação da sua cultura e da sua identidade Warao.

Outros fatores também chamaram bastante atenção no processo etnográfico, tanto na comunidade Warao, como nas escolas. Por exemplo, a diferença nas formas de repassar o conhecimento. Na escola, temos uma dinâmica individualista, onde a criança é colocada no papel do indivíduo, e são vários fatores que fomentam essa individualidade, como, exames, aprovações, relatórios individualizados entre outros. Enquanto na comunidade é tudo coletivo, para exemplificar utilizo uma fala do Euligio liderança da Comunidade Warao “YAKERA INE”, que disse:

Los Niños indígenas no son educados, sino guiados. No aprenden a ser ganadores, porque para que algunos ganen otros tienen que perder. Aprenden a compartir el lugar donde viven y lo que tienen para comer. Tiene el ejemplo de una vida donde lo individual cuenta menos que lo colectivo. Este es el misterio indígena, un legado que pasa de generación en generación. Lo que nuestros niños aprenden desde pequeños es a poner su corazón en ritmo con la tierra.

Assim, embasado nesta narrativa, observamos uma forte diferença nos métodos de aprendizagem. Enquanto na cultura indígena Warao o coletivo predomina, na cultura escolar do município, a criança é um indivíduo solo.

Portanto, na comunidade Warao “YAKERA INE”, as crianças vivenciam uma complexidade identitária, entre a comunidade e a escola, e necessitam se redescobrir a partir de um aspecto que transita entre o coletivo e o individual. No entanto, a escola municipal não perde sua importância social. A escola faz parte do processo cultural, e é colocada como uma instituição que pode viabilizar principalmente a sobrevivência do seu povo, onde a comunidade “YAKERA INE” projeta a sua sobrevivência como povo indígena. No entanto, expressa de maneira clara que existem objeções sobre esse processo. Baniwa (2014, p. 26), vai relatar a super desvalorização das línguas indígenas promovidas pelas culturas dominantes causando sistematicamente uma desvalorização da cultura indígena, colocando as escolas em um papel colonialista:

O estado por meio da escola e da universidade que inferioriza e subalterniza os conhecimentos, os valores, as culturas é o principal responsável pelas mortes e desvalorização das línguas indígenas. A continuidade das línguas, assim como das culturas indígenas, depende da superação da cultura eurocêntrica e branquiocêntrica imposta aos povos indígenas.

No entanto, os alunos Warao que acompanhei, aprenderam que como forma de sobrevivência dentro deste enredo diaspórico, é necessário uma articulação com a escola tradicional Brasileira.

DESAFIOS NA INSERÇÃO

Imagine a vida de uma criança indígena Warao, da comunidade “YAKERA INE”, indo para escola com seu pai de bicicleta percorrendo nove quilômetros, dezoito km se somarmos a ida e a volta, debaixo de sol e chuva. Cada dia é uma jornada entre dois mundos, o mundo rico da sua cultura tradicional e o mundo novo e desafiador da educação formal. De manhã cedo eles iniciam sua jornada rumo à escola, muitas vezes em jejum. Essas crianças, trazem consigo laços com a terra, rios e floresta. Elas também levam

consigo a língua Warao, um idioma antigo e rico, cheio de nuances que transmitem séculos de sabedoria e história.

Dessa forma, logo que chegam na escola estas crianças indígenas se deparam com um ambiente diferente. Salas de aula organizadas, carteiras enfileiradas e quadros negros repletos de letras e números. Elas se juntam aos colegas de classe, alguns dos quais podem compartilhar sua herança cultural, enquanto outros vêm de contextos completamente diferentes.

Figura 1: Registro das crianças Warao e seu pai retornando da escola.



Fonte: Euligio Baez.

A rotina escolar se inicia com atividades que desafiam a mente e o corpo. Elas aprendem a ler e escrever em português, uma língua estrangeira que abre portas para uma nova forma de conhecimento e compreensão do mundo. Elas estudam matemática, ciências e história, explorando conceitos que muitas vezes contrastam com as tradições e conhecimentos transmitidos por sua comunidade. Durante os intervalos, os alunos Warao se encontram num cruzamento cultural único. Enquanto algumas crianças brincam com jogos tradicionais, outras mergulham na cultura pop global, trazendo consigo músicas, filmes e jogos que refletem um mundo mais amplo, e muito além das fronteiras da sua comunidade.

Na medida em que o horário avança, estas crianças Warao enfrentam desafios adicionais. Elas se deparam com a barreira linguística e cultural, às vezes sentindo-se isoladas ou incompreendidas. No entanto, elas também encontram oportunidade para compartilhar sua própria cultura, ensinando aos outros sobre as tradições, mitos e práticas que moldam sua identidade como indígena Warao. No final da aula, seu pai está lá fora no portão pronto para a viagem de volta para a comunidade. Esses alunos levam consigo experiências e os aprendizados do dia. Eles carregam não apenas os livros e lições, mas também memórias de um mundo em transformação, onde as fronteiras entre o antigo e o novo se entrelaçam em uma rica tapeçaria da experiência humana. Embora submetidos a uma jornada desafiadora, estes alunos indígenas Warao trazem consigo uma resiliência e uma riqueza de conhecimento que enriquece não somente sua própria vida. Mas também, a comunidade escolar como um todo. Nessa busca pelo conhecimento, o aluno Warao lança uma ponte entre culturas, construindo um futuro que honra tanto o seu passado, quanto o presente do seu povo.

PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA E COMUNIDADE “YAKERA INE”

Os alunos Warao principais interlocutores desta pesquisa são dois meninos de 13 e 12 anos de idade, e uma menina de 7 anos. São todos irmãos, os meninos estudam na escola³ Carmen Eugenia Macaggi, e a menina na escola⁴ Branca de Neve.

Figura 2: Escola Municipal Carmem Eugênia Macaggi.



Fonte: Autor.

Figura 3: Escola Municipal Branca de Neve



Fonte: Autor.

Utilizarei pseudônimos para descrever estas crianças estudantes Warao. O primeiro é Manari, o mais velho dos alunos que acompanhei, treze anos, estudava durante a pesquisa na escola Carmem Eugênia Macaggi, no quinto ano turno manhã. Manari escreveu algumas histórias e fez desenhos. Tudo foi muito importante para a pesquisa, de

³A escola Carmen Eugenia Macaggi, fica situada no bairro Asa Branca, possui (741) setecentos e quarenta e um alunos matriculados nos dois turnos de aula. A escola atende do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental I, era uma escola do estado e atendia alunos do fundamental II, e foi repassada para a prefeitura, demonstrando assim, uma estrutura física diferenciada para crianças do ensino fundamental I. Pois, no estado são atendidos alunos do fundamental II até o ensino médio.

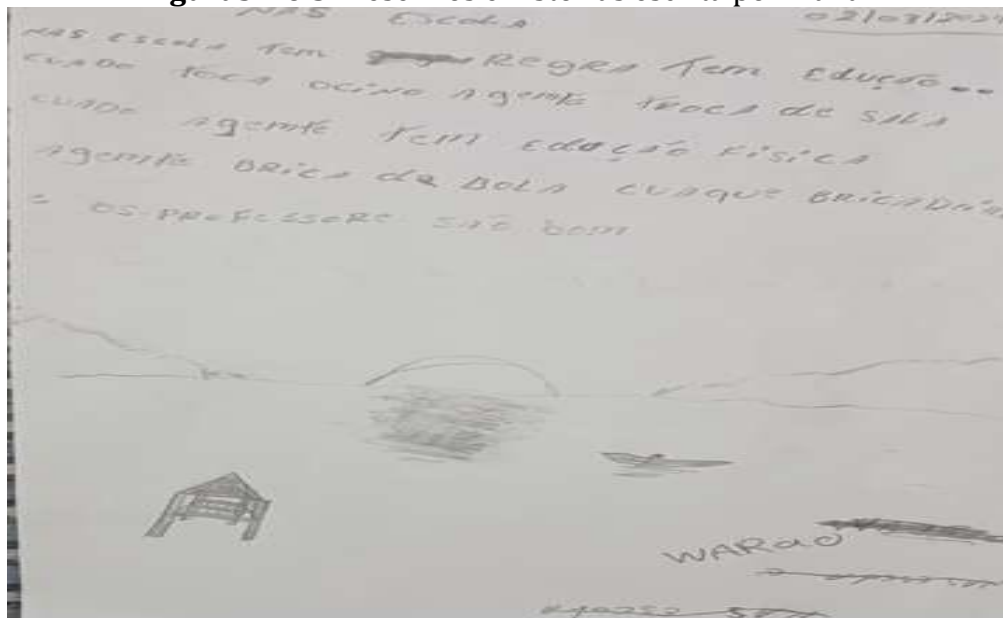
⁴A escola municipal Branca de Neve é situada na rua Carmelo bairro da Pintolândia e fica em frente a comunidade “YAKERA INE”, e possui (481) quatrocentos e oitenta e uma matrículas nos anos iniciais, (333) trezentos e trinta e três matrículas na pré-escola e (49) quarenta e nove matrículas na educação especial. A escola atende o ensino infantil e fundamental.

modo que pude ouvir suas histórias que representavam a sua forma de ver o mundo. Um desses momentos, Manari contou:

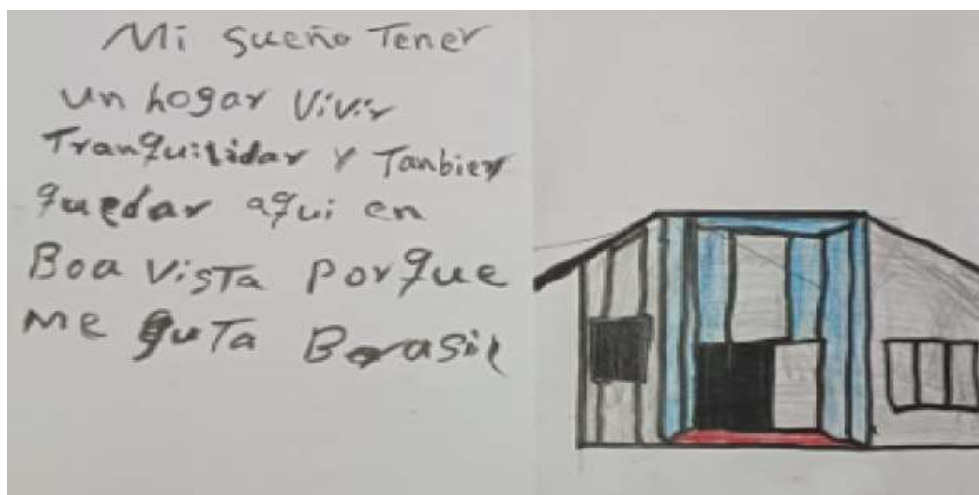
Meu nome é Manari, vim de longe com minha família. No começo tudo aqui era muito diferente, as casas são muito quadradas e tinha uma coisa chamada escola. Na escola, aprendemos coisas que nunca vi, às vezes não entendo muito bem o que o professor fala. Às vezes também eles, os colegas, ficam querendo saber da minha história. Eles acham interessante, mas não entendem muito. Eu gosto de desenhar e jogar futebol na escola, eles nos dão papéis e lápis coloridos. Daí desenho pássaros e árvores são coisas que eu me lembro. A escola é estranha, mas lá eu consigo aprender coisas novas, além de conhecer outras crianças. Acho muito legal estar aqui em Boa Vista, mas às vezes sinto falta de casa.

Segue desenhos e histórias escrita por Manari:

Figuras 4 e 5: Desenhos e histórias escrita por Manari.



Fonte: Acervo Pessoal.

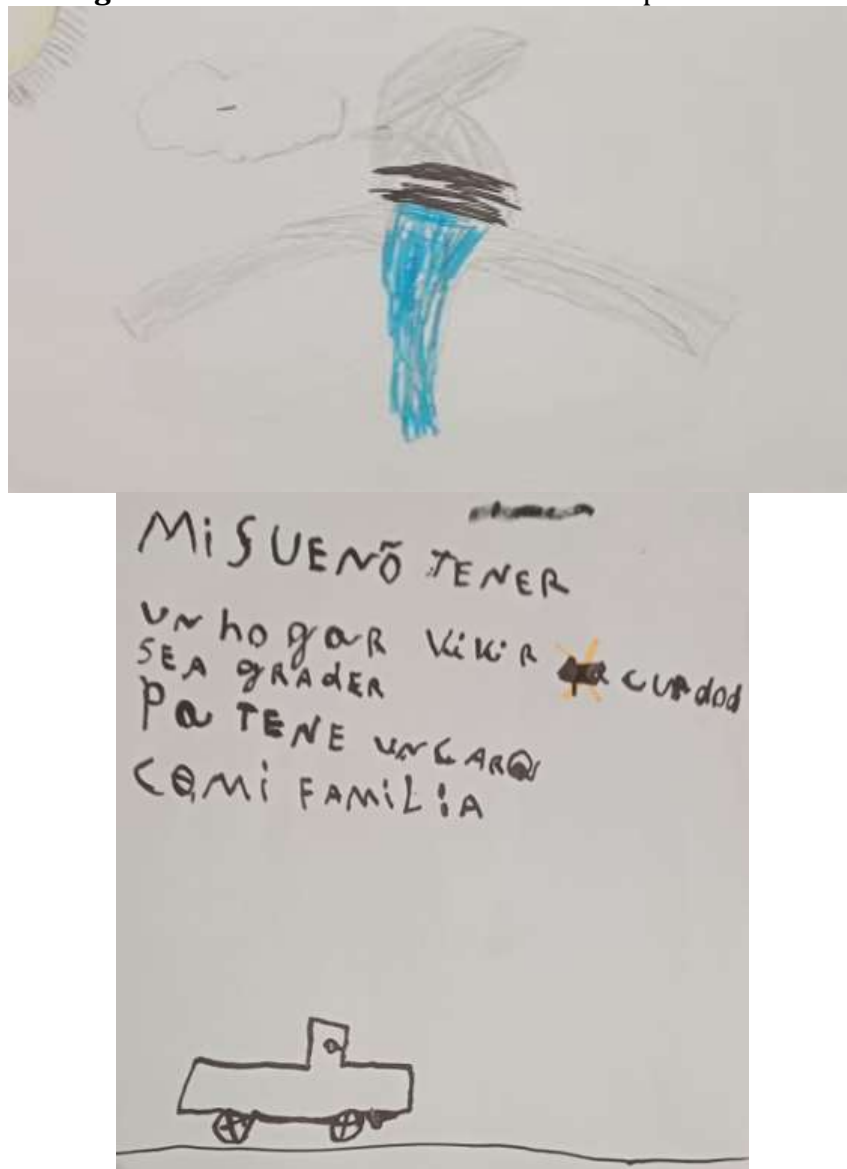


Fonte: Acervo Pessoal.

As atividades foram realizadas principalmente durante os piqueniques. Observei que Manari expressava sua cosmovisão de várias maneiras: através dos seus desenhos, sua história narrada e escrita que, também representam muitas experiências vivenciadas por ele. Observei que o desenho da casa foi o local onde realizamos um dos piqueniques, tamanho o senso de observação. Tumiri é uma criança indígena Warao migrante refugiada, 12 anos, estudante do quinto ano na escola Carmem Eugênia Macaggi, turno manhã. Segue sua história e alguns desenhos feitos por ele:

Meu nome é Tumiri, sou indígena Warao vim para o brasil uma terra nova, é diferente as árvores aqui e aprendo coisas novas todos os dias. Na escola no brasil tenho muitos amigos, todos falam uma língua que estou aprendendo. Mas eles me ajudam quando não entendo, brincamos no recreio e comemos juntos. Às vezes me sinto perdido, mas meu professor me ensina que aprender sobre novos mundos é importante. Um dia quero comprar um carro e levar minha família para passear. Eu gosto daqui.

Figura 6 e 7: Desenhos e histórias escrita por Tumiri.



Fonte: Acervo Pessoal.

Tumiri expressou e descreveu seu espaço no mundo, as diferenças ao seu redor. Demonstrou compreender perfeitamente que a escola é um espaço complexo e difícil para a sua cultura. No entanto, são várias as mudanças que a escola pode proporcionar no seu crescimento como indígena Warao. Tumiri também fez um desenho onde demonstrou que a natureza ainda está muito presente na sua forma de ver o mundo. E por fim, a questão da aquisição de bens como um carro vislumbrando ambições, talvez uma face desse novo mundo que se apresenta.

Yara, menina indígena Warao, sete anos, estudante da primeira série na escola municipal Branca de Neve, pela manhã. Yara durante a realização do desenho demonstrou uma postura serena e um semblante sempre muito pensativo. Apresentou um desenho, onde demonstrou um contraste forte de cores e muita natureza. Yara, sempre esteve muito sozinha na sala de aula, talvez seja esta a representatividade do desenho. Uma menina sozinha em cima de uma serra. Segue história narrada pela Yara e mais algumas atividades:

Meu nome é Yara, meu primeiro dia fui recebida pela professora, ela mostrou o meu lugar.

Durante a aula aprendi sobre as cores, no recreio eu ri. Recebi livros, quando o meu pai veio me buscar eu corri. A escola é legal!

Figura 8: Desenho de Yara.



Fonte: Acervo Pessoal.

Durante nossas intervenções, fiquei curioso sobre o que seria ser criança na cosmovisão Warao, e logo compreendi que, “NOBOTO”, quer dizer criança na língua Warao, e “NOBOTOMO”, crianças. Continuei com as indagações sobre o que é ser “NOBOTO”? Elas me disseram que é participar das atividades cotidianas da comunidade como coleta, pesca, fabricação do artesanato, participar das tradições e rituais. “NOBOTO” é também ouvir as histórias dos adultos, brincar e ir para a escola. Essas foram as definições dadas pelas crianças sobre elas mesmas. Clarice Cohn (2005) vai dizer que as crianças são socializadas e vivenciam a infância em diferentes contextos culturais. Cohn analisa a infância como um modelo particular e não universal de se pensar a criança. “Ela

não existe desde sempre, e o que hoje entendemos por infância foi sendo elaborado ao longo do tempo na Europa, simultaneamente com mudanças na composição familiar, nas noções de maternidade e paternidade, e no cotidiano das vidas das crianças, inclusive por sua institucionalização pela educação escolar” (Cohn, 2005). Dessa forma, embasado na fala de Cohn, podemos pensar que as crianças Warao quando descrevem o que é ser criança para elas com todas as especificidades, são atores interpretando um papel que não criaram, e criando seus próprios papéis enquanto vivem em sociedade. Outros fatores também chamaram atenção no processo etnográfico, tanto na comunidade, como nas escolas. A criança não fala por si nestes espaços e é sempre representada por adultos. Em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, Freire salienta a importância da fala dos oprimidos além da necessidade de uma educação dialógica, o que podemos avaliar como a voz das crianças nas escolas. “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (FREIRE, 1970, n.p.).

Na comunidade, a dinâmica do aprendizado ocorre de maneira informal, através da observação e participação nas atividades diárias, também não havendo espaço para as falas das crianças. O aprendizado, é definido a partir do seu gênero. Menino, “NEBURATO SAMUKA” e menina, “ANIBAKA” na língua Warao. A “ANIBAKA”, possui um aprendizado voltado para cuidar dos irmãos menores, acompanhar a mãe nas atividades diárias como confeccionar artesanato, fazer rede e preparar os alimentos, quando casar deve trazer o marido para perto da família do seu pai, fortalecendo a mão de obra da família com seu marido. O “NEBURATO SAMUKA”, deve obter seus aprendizados com o auxílio nas atividades diárias do seu pai como caça, pesca e agricultura. Deve quando se casar, ir morar com a família da esposa fortalecendo a mão de obra da família da esposa. Ambos são ensinados ainda muito cedo a nadar, tarefa que pode ser ensinada pela mãe ou pelo pai. Devido ao contato com o “homem branco”, e o processo de colonização, já se define a categoria adolescente na cosmologia Warao o “IBOMA” na língua Warao. No entanto, observei que essa categoria fica representada também como adulto. Desta forma, fica demonstrado que antigamente anterior a colonização, a denominação adolescente não existia. Só existindo a categoria “DAOMATA NIBORA”, “Homem” e “DAOMATA TODA”, “Mulher” na língua Warao, são as definições para as pessoas adultas.

Portanto, considero que obtive uma grandiosa obra elaborada pelas crianças em todos os aspectos. Elas produziram ilustrações, narrativas e escreveram histórias, que facilitaram enormemente as atividades e a pesquisa como um todo. Dessa forma, as imagens e narrativas revelam um misto de curiosidade e estranhamento, refletindo claramente o processo de adaptação no espaço que difere significativamente das suas tradições culturais. A escola para estas crianças, é vista como um lugar de aprendizado, socialização e diversão. Porém, também é um lugar difícil com barreiras na comunicação e interações. Os resultados das atividades através dos desenhos, das histórias contadas e escritas, destacam que a escola tem um lugar de muita importância e o quanto elas tentam se encaixar neste espaço para sua sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordei a temática da construção da experiência da criança indígena Warao refugiada imigrante na escola tradicional Brasileira, suas vivências e

cosmovisão neste espaço relacionado a um fenômeno diaspórico. Pois, como trabalhador da educação municipal do município de Boa Vista, construí um olhar crítico para o sistema adotado nas escolas voltado especificamente para a forma de acolhimento aos alunos oriundos de uma cultura diferenciada.

Desta forma, pude observar que o aluno indígena Warao, refugiado, imigrante, é inserido de maneira abrupta no sistema escolar municipal, muitas destas crianças da comunidade em destaque ainda não haviam frequentado a escola tradicional. Assim, o sistema escolar vigente, desvaloriza os conhecimentos e saberes indígenas ancestral, e avalia o saber deste aluno indígena tendo como base de conhecimentos a escrita e leitura na língua portuguesa Brasileira. No caso do aluno Warao, que não conhece ainda a língua portuguesa será inserido numa série escolar abaixo da sua idade. Proporcionando assim, maiores dificuldades para este estudante que já enfrenta um processo escolar bastante complicado.

Considerando as descobertas desta pesquisa, sobre as experiências das crianças indígenas Warao como imigrantes refugiadas no contexto das escolas municipais, torna-se evidente que estas crianças enfrentam uma série de desafios no sistema de educação municipal. Desde barreiras linguísticas, a busca por vagas e matrículas, até questões socioeconômicas, suas jornadas educacionais são marcadas por obstáculos significativos. No entanto, ao analisar mais profundamente suas experiências, também se revela um aspecto de resiliência que merece atenção.

Apesar de todas as dificuldades, estas crianças têm uma notável, crítica e criatividade dentro do ambiente escolar. Elas não apenas se adaptam às novas circunstâncias, mas também encontram maneiras de se envolver ativamente no processo educacional, trazendo consigo perspectivas únicas. Suas narrativas revelam uma riqueza de conhecimento e sabedoria que enriquece não apenas suas próprias vidas, mas também o ambiente educacional como um todo.

Assim, é fundamental que o sistema educacional municipal reconheça e valorize essas contribuições, não apenas como alunos indígenas, mas também como agentes ativos na construção de um ambiente educacional mais inclusivo e diversificado. Suas experiências oferecem insights preciosos sobre as lacunas existentes no sistema de educação atual e apontam para a necessidade de políticas e práticas que abordem de forma mais eficaz às necessidades específicas das comunidades indígenas imigrantes.

Todo este processo foi cercado de sorrisos que só as crianças são capazes de oferecer. Na parte teórica, foram minhas referências para a pesquisa, a comunidade Warao YAKERA INE, e os interlocutores indígenas. Muito importante também foi a metodologia etnográfica e o conceito de antropologia propositiva de Hartmann, que construíram o embasamento teórico e metodológico voltado para escuta das crianças indígenas Warao. Além de proporcionar estratégias e métodos para acessar o pensamento dessas crianças.

O conceito de diáspora, descrito pelos autores Barbosa, Santos, Hall e Clifford, proporcionou a este pesquisador uma análise clara do movimento de deslocamento que estes grupos estão realizando. O conceito de Interculturalidade, conforme discutido por Canclini, foi central para discutir essa dinâmica. Canclini argumenta que as interculturalidades são mais facilmente definidas não em termos de pureza ou autenticidade, mas sim em termos de hibridismo e interação entre diferentes culturas. Ao aplicar este conceito junto às crianças Warao, fica caracterizado como diferentes culturas e identidades se misturam e se transformam em novos contextos. Assim, as crianças

Warao interagindo com a escola, perpassam um processo de remodelação e reinvenção cultural, no entanto esse movimento relacionando com Castro, podemos concluir que este processo, não interfere na manutenção das suas práticas culturais e a autonomia destas crianças, que se encontram em contexto de interação com a cultura escolar municipal. Ou seja, estas crianças não deixam de ser indígenas Warao mesmo vivenciando uma cultura impositiva na escola.

Os estudos étnicos históricos utilizados nesta dissertação, perpassam vários conceitos de autores como, Cirino e Santos, resultando em proporcionar informações da história dos Warao, e também quanto a sua mobilidade ainda em território venezuelano e brasileiro. Essas informações trazidas por estes autores foram de suma importância para descrever numa linha do tempo os movimentos Warao desde a sua antiguidade.

A experiência da criança indígena Warao na escola municipal, destaca uma complexidade de experiências, seus desenhos, histórias escritas e contadas revelam as suas impressões sobre a escola. Bem como, todo o processo que vivenciam remodelam as suas construções de identidades, assim como suas expectativas e desafios enfrentados.

A análise das histórias e desenhos produzidos pelas crianças, proporcionaram um deslumbre profundo das suas percepções e sentimentos. Estes artefatos culturais são produtos de uma expressão genuína e espontânea, e expressam aspectos cruciais sobre sua adaptação cultural. Demonstrando os vários desafios e aspectos do processo de adaptação que essas crianças enfrentam. As narrativas ilustram o momento que vivenciam e o lugar entra em contraste realçando o conhecido e o desconhecido. Assim, os elementos da sua cultura são colocados ao lado de símbolos da escola, e esta justaposição, reflete um processo de negociação identitária, onde essas crianças tentam conciliar sua herança cultural com as novas influências.

Dessa forma, podemos compreender que estes alunos indígenas Warao, estão realizando um esforço incomensurável para acessar a cultura escolar, interagir com o contexto que a escola oferece, as dinâmicas, as relações, principalmente as diferenças que vão construindo muitas inquietações. Um exemplo, ao qual posso relatar, foi em muitos momentos das nossas interações, onde as crianças responderam minhas perguntas, com perguntas. Demonstrando assim, as suas dúvidas sobre o mundo ao seu redor.

Durante os cursos desta pesquisa, não posso ignorar os desafios pessoais que enfrentei como pesquisador. A imersão no universo das crianças indígenas Warao como imigrantes refugiadas, trouxe à tona uma série de reflexões e sentimentos complexos que inevitavelmente influenciaram minha jornada acadêmica. O encontro com essas histórias destas crianças, foi ao mesmo tempo, uma experiência de profunda admiração e compaixão, mas também de confronto com a dura realidade de suas vidas, marcadas pela adversidade e marginalização. Ao longo deste processo de pesquisa, ouvi relatos de dificuldades inimagináveis enfrentadas, uma luta diária neste contexto tão hostil e desconhecido que é se encontrar com o diferente.

Essas narrativas despertaram em mim um turbilhão de emoções, desde a indignação diante das injustiças enfrentadas por estas comunidades até uma profunda sensação de impotência diante da magnitude dos desafios enfrentados por eles. Como pesquisador, me vi confrontado pela responsabilidade de não apenas documentar suas histórias, mas também encontrar maneiras significativas de dar voz às suas experiências. Portanto, espero que este artigo possa contribuir para o conhecimento acadêmico, mas que também ofereça uma plataforma para amplificação das vozes daqueles marginalizados e esquecidos pelo sistema. Assim, é importante destacar que as crianças

indígenas Warao não são apenas receptores passivos da educação, mas sim participantes ativos e agentes de mudança. Suas histórias inspiradoras, nos lembram da importância de uma abordagem que reconheça e celebre a diversidade cultural e promova um ambiente onde todas as crianças possam prosperar e alcançar o seu pleno potencial.

REFERÊNCIAS

BAPTAGLIN, L. A; SILVA MONTEIRO, P. S. Diversidade Cultural: Processos Migratórios e a Educação Municipal de Boa Vista – RR. **Revista Exitus**, v. 11, p. 15-18, 2021.

BANIWA, Gersem. **Língua, Educação e Interculturalidade na Perspectiva Indígena**. Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade linguística. Marcus Vinícius Carvalho Garcia. et al, (Orgs.). Brasília-DF: IPHAN, 2014.

CASTRO, Alves. **Os Escravos. Livro de poesia crítica a escravidão e os abusos aos povos indígenas**. Rio de Janeiro: Editora Independente, 1883.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas, Estratégias Para Entrar y Salir de La Modernidad**. México: Editorial Grijalbo, 1990.

CIRINO, Carlos A. Marinho. **Índios, imigrantes e refugiados: os Warao e a proteção jurídica do Estado brasileiros**. *EntreRios*, v. 3, n 2, 2020.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2005.

DOS SANTOS, Jose Raimundo. **Diásporas dos Índios Warao da Venezuela**. Dissertação de Mestrado no PPGANTS/UFRR. Boa Vista - RR, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARTMANN, Luciana. **Voices in Diaspora: How immigrant children tell their stories**. Departamento de Artes Cênicas - PPGCEM, Universidade de Brasília 2018 - Brasil. p. 86.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (Org.) **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROSA, Marlise. **Os Warao no Brasil, Contribuição da Antropologia para a Proteção de Indígenas Refugiados Migrantes**. São Paulo: UNHCR ACNUR, 2021.

STUART, Hall. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1992.

STUART, Hall. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Cronologia do Processo Editorial
Editorial Process Chronology

Recebido em: 23/08/2024

Aprovado em: 10/11/2024

Received in: August 23, 2024

Approved in: November 10, 2024